

Operigo da educação precoce

FRED M. HECHINGER
Do N. Y. Times

NOVA YORK — Crianças de três ou quatro anos devem receber uma educação pré-escolar? A maior parte dos demais países industriais há muito tempo respondeu de maneira afirmativa a esta pergunta, o mesmo acontecendo com as famílias norte-americanas mais bem situadas, que enviam seus filhos às escolas especializadas. Recentemente, os políticos começaram a reagir às pressões públicas para fazer outro tanto pelas crianças pobres, mas muitos especialistas alertam que a colocação das crianças em panelas de pressão educacionais precoces pode causar sérios danos. Um novo estudo documenta que o perigo existe, mas também mostra como evitá-lo e continuar dando aos pequenos os benefícios de um bom programa educacional na mais tenra idade.

O estudo diz que devem ser evitados os programas altamente estruturados, dominados pelos professores ou programados e empacotados por planejadores de fora. Se bem que tais programas tenham demonstrado serem capazes de aumentar a performance acadêmica, eles frequentemente parecem levar a comportamentos anti-sociais, delinqüência e até mesmo violência em períodos posteriores.

Bom e ruim

Estas conclusões foram publicadas segunda-feira no *The Early Childhood Research Quarterly*. Elas ainda estão em fase de esboço, mas são altamente persuasivas. Baseiam-se num estudo de quinze anos, realizado pela *The High-Scope Educational Research Foundation*, em Ypsilanti, no estado de Michigan.

David Weikart, presidente da

High-Scope, da um grande apoio à educação na primeira infância, mas mesmo assim faz um alerta contra o hábito de se iniciar um tipo de educação de escola pública aos 3 ou 4 anos de idade. Para evitar danos às crianças, diz ele, o tipo correto de programa é crucial, caso contrário "acabaremos criando a nossa própria delinqüência".

Para se conseguir uma ideia melhor da situação, 68 crianças pobres e academicamente "em situação de risco", de 3 e 4 anos de idade, foram colocadas aleatoriamente em três programas diferentes.

Um deles foi o *High-Scope Model*, no qual as crianças e os professores planejam e iniciam as atividades juntos, com atenção tanto ao desenvolvimento social quanto ao intelectual, baseado principalmente no trabalho do psicólogo infantil Jean Piaget. Outro foi o antiquado modelo de jardim-de-infância centralizado nas crianças, onde estas assumem a liderança e o professor reage, geralmente baseado na teoria psicanalítica de Sigmund Freud. O terceiro foi um método programado de aprendizagem, amplamente defendido em fins da década de 50 e frequentemente conhecido como *Distar*, pela sua embalagem comercial original, na qual o professor se encarrega de iniciar as atividades e a criança reage, tomando por base a teoria behaviorista de B. F. Skinner.

As crianças nos três programas aumentaram substancialmente os seus QIs e suas capacidades acadêmicas, mas doze anos mais tarde, aos 15 anos de idade, os do grupo de aprendizagem programada apresentavam um índice duas vezes maior de atos de delinqüência do que os dos outros programas. Um tal comportamento incluiu cinco vezes mais atos de destruição de propriedade e duas vezes mais ca-

sos de abusos de drogas e de fugas do lar.

Estes jovens freqüentemente desenvolveram péssimos relacionamentos familiares, participaram menos de atividades esportivas e tiveram menos indicações para posições de liderança ou serviço escolar. Eles tenderam a não ajudar outros a resolver problemas pessoais. Uma terça parte do grupo programado acreditava que suas famílias achavam que eles estavam tendo maus progressos, ao passo que apenas um em cada 36 dos dois outros modelos tinham esta opinião. Somente metade dos jovens do grupo programado, em comparação com dois terços do jardim-de-infância tradicional e três quartos dos grupos *High-Scope*, planejavam freqüentar uma universidade.

QI Elevado

Todos os três tipos de programas tiveram excelentes resultados em melhorar a capacidade de aprendizagem das crianças. Por exemplo, o QI médio aumentou dramaticamente 27 pontos no primeiro ano do programa, passando de 78 para 105, um nível confortavelmente educável, na escala de inteligência de Stanford-Binet. Metade deste aumento acabou desaparecendo, mas aos dez anos de idade o QI médio continua sendo de 94.

O novo estudo representa um importante complemento ao comentado relatório do *High-Scope* de 1984 intitulado "Changed Lives", no qual se acompanhou o progresso de crianças em sérias situações de desvantagem, matriculadas aos três anos de idade num programa de alta qualidade de educação infantil na *Perry Elementary School* em Ypsilanti, durante 16 anos, até antigarem os 20 anos de idade. Este estudo mostrou significantes ga-

nhos segundo todos os principais indicadores, como uma menor necessidade de remediação acadêmica, menos abandonos de estudos, menos casos de gravidez na adolescência, menos conflitos com as leis e um melhor currículo em termos de empregos e de participação universitária.

Apesar destes ganhos significativos, o estudo passou a ser atacado por alguns especialistas, que manifestaram preocupações com as crianças sendo sujeitas a pressões acadêmicas numa idade tão tenra. O novo estudo demonstra, em boa parte, que a questão já não é mais sobre se uma educação precoce é ou não desejável, mas sim como se deve fazer para eliminar os efeitos colaterais indesejados.

O estudo ainda focaliza a realidade de que tais crianças crescem num ambiente sem qualquer estímulo intelectual: não há adultos com os quais elas possam conversar e que possam ser explorados, que lhes leiam livros ou respondam perguntas. Os trabalhos de creche são meramente uma questão de tomar conta, de manter as crianças em segurança e sem que elas se envolvam em problemas. Sem uma oportunidade para um desenvolvimento intelectual além do social, os jovens se tornam tão distantes que quando atingem a idade escolar, lhes é quase que impossível acompanhar os demais.

Como "Changed Lives", o novo estudo enfatiza que o sucesso não é barato. As classes dos três programas tinham 15 ou 16 crianças, com dois professores e um assistente que também servia de motorista do ônibus escolar. Todos os três programas incluíam duas horas e meia diárias em classes fechadas, além de uma visita doméstica de 90 minutos com cada mãe uma vez por quinzena.